

A expansão da facção “Os Manos” para o interior do Rio Grande do Sul: uma abordagem a partir da cobertura jornalística.

Nichollas Fellipe De Col Webber (UFRGS),
nichollasfelippe1402@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste estudo, ainda em andamento, consiste em compreender como os jornais Zero Hora e Pioneiro atribuem sentido à expansão dos Manos, facção nascida na Região Metropolitana de Porto Alegre. O trabalho é um recorte de um projeto mais amplo, que visa compreender a interiorização das facções criminais de Porto Alegre no RS. Serão apresentados os resultados parciais obtidos em relação à facção “Os Manos”. Para tanto, partiu-se da coleta e análise de notícias jornalísticas, visando identificar enquadramentos, associações e explicações mobilizadas pelos jornais, formando representações sociais sobre o avanço da facção. As notícias foram analisadas integralmente, por meio da criação de categorias temáticas. Nesse sentido, observou-se como as narrativas jornalísticas variam dependendo das regiões às quais se referem, modulando seu discurso e recortando aspectos que consideram relevantes em cada localidade. Diante disso, analisaram-se três regiões distintas, tomando como critério quais localidades mais apareciam no *corpus* empírico, a saber: Serra Gaúcha, Noroeste do RS e Fronteira Oeste. Verificou-se que, de modo geral, os jornais adotam como eixo explicativo a face econômica da facção, especialmente vinculada ao tráfico de drogas, deixando de lado aspectos normativos presentes na atuação do grupo. Em relação às regiões, identificou-se que os jornais, na Serra Gaúcha, enfatizam as prisões como infraestrutura logística; no Noroeste do RS, predomina uma narrativa de ruptura do cotidiano; na Fronteira Oeste, consolida-se uma imagem da criminalidade organizada transnacional. Portanto, argumenta-se que os jornais, na medida em que produzem representações sociais, constituem aquilo que descrevem, enfatizando certos aspectos e orientando condutas dos diversos atores sociais com que dialogam.

Palavras-chave: Facções Criminais; Expansão territorial; Representações Sociais; Jornais

1 INTRODUÇÃO

No dia 16/06/2017 o jornal gaúcho Zero Hora publicou uma matéria com o seguinte título: “Como as facções criminosas avançam pelo interior do Estado”. Na manchete da notícia era afirmado que: “Articulados a partir dos presídios, criminosos que espalham terror pela Região Metropolitana expandem sua influência. Esse tipo de narrativa se inscreve em um processo mais amplo: a crescente presença das facções criminais de Porto Alegre e Região Metropolitana em municípios do interior do Rio Grande do Sul.

Desse modo, para compreensão desse fenômeno, coloca-se o seguinte problema: como tem sido narrada a expansão dos Manos, uma das maiores facções criminais da Região Metropolitana de Porto Alegre para o interior gaúcho, a partir dos jornais Zero Hora e Pioneiro. Especificamente, o objetivo do estudo trata de investigar como a imprensa gaúcha produz representações sociais, entendidas enquanto “blocos de sentido” (Porto, 2016), presentes nas narrativas e discursos dos jornais, por meio das quais produzem sentidos e explicações acerca da relação entre facções criminosas, segurança pública e meio urbano em municípios interioranos.

Parte do pressuposto de que as representações sociais, antes de serem verdadeiras ou falsas, constituem a realidade que descrevem (Porto, 2002). Sendo válido, portanto, tomar as representações sociais como caminho para acessar os fenômenos da violência e criminalidade (Porto, 2016). Tais fenômenos não são, apenas, eventos resultantes de sociabilidades estruturadas pelo uso da força física, mas também são produzidos enquanto representações nos veículos de comunicação. De acordo com Porto (2002, p. 163):

“A violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação. Também como representação multiplicam-se as categorias de percepção da violência”

A pesquisa é um recorte de um projeto mais amplo, que visa compreender como vem se interiorizando as duas maiores facções criminais de Porto Alegre - “Os Manos” e “Bala na Cara” -, sendo aqui apresentado alguns resultados parciais obtidos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter documental, baseada na análise de matérias jornalísticas. As notícias foram analisadas integralmente, a partir de uma estratégia de codificação temática, com categorias construídas de forma indutiva. A análise buscou identificar associações narrativas, enquadramentos recorrentes e explicações mobilizadas pelos jornais na produção de sentidos sobre a expansão dos Manos para o interior do Estado. Também procedeu-se a explorar relações entre categorias feitas em uma tabela do Excel, que será melhor explicitada à frente.

Adotou-se um recorte temporal que vai de 2015 até 2020, objetivando captar a emergência da interiorização das facções nas mídias gaúchas. Levando em consideração os apontamentos de Cipriani (2021), os grupos criminais de Porto Alegre alçam vôos para outros municípios do interior com maior intensidade, a partir do arrefecimento da “guerra”¹, em meados de 2018. O corpus empírico é composto por 75 notícias publicadas no jornal Zero Hora e Pioneiro (sendo 25 do Pioneiro e 50 do Zero Hora), selecionadas a partir da presença de referências explícitas às facções “Os Manos” associadas a municípios localizados fora da Região Metropolitana de Porto Alegre. Os jornais foram escolhidos por sua ampla circulação e centralidade na produção e difusão de enquadramentos sobre violência e criminalidade no Rio Grande do Sul.

Finalmente, o texto está dividido em 3 seções, incluindo está Introdução. Na sequência encontra-se uma seção metodológica, com vistas a aprofundar os fundamentos teóricos e explicitar os métodos de análise e coleta de dados. Após são apresentados características gerais das maneiras como os jornais narram o fenômeno aqui abordado. E, por último, é aprofundado qualitativamente as maneiras como os jornais produzem sentido sobre a expansão.

2 SEÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A concepção teórico-metodológica que guia esse trabalho ancora-se na perspectiva, já mencionada anteriormente, de que as representações sociais, na condição de expressarem visões de mundo objetivando explicar e dar sentido aos fenômenos dos quais se ocupam, participam da constituição desses mesmos fenômenos (Porto, 2002). Sob esta ótica, os meios de comunicação exercem um papel ímpar, na medida em que são nas modernas democracias contemporâneas, um dos principais produtores de representações sociais, as quais, para além de seu conteúdo como falso ou verdadeiro, tem função pragmática como orientadoras de condutas dos atores sociais (Porto, 2009). Partilhando desse entendimento, as representações sociais são tomadas como uma construção simbólica que destaca e recorta determinados aspectos das relações sociais, cujos agentes, direta ou indiretamente, consideram relevantes (Silva, 2015).

¹ Conflito que marcou a história dos coletivos criminais da Capital, iniciado nos primeiros dias de janeiro de 2016, desenrolando em uma série de eventos encadeados até meados de 2018, alterando significativamente as relações de poder entre as facções. Para ver mais, consultar Cipriani (2021).

Cabe acrescentar, que os meios de comunicação não falam solitariamente, mas organizam a percepção social ajustando-se às vozes de diferentes atores sociais e políticos, influenciando e sendo influenciados por parcelas da sociedade com quem dialogam (Palermo, 2018). Ao fazerem isso, tomam para si um papel político, com capacidade de pautar discussões públicas, dar visibilidade para determinadas pautas e apontar os caminhos dos destinos da política (Palermo, 2018). Por isso que, em se tratando da natureza da relação entre mídia e segurança pública, Porto (2009, p. 214) afirma ser “complexa, porque tensa e contraditória, por vezes, consensual e cúmplice, por outras”.

Partindo desse entendimento, a análise volta-se para as associações feitas, os enquadramentos temáticos mobilizados e as explicações presentes nas narrativas jornalísticas. Para tanto, foram tomadas como unidade de análise notícias jornalísticas, coletadas no jornal de maior circulação do Rio Grande do Sul - Zero Hora - e também em um jornal regional da Serra Gaúcha - Pioneiro - de abrangência local². As notícias foram coletadas no mecanismo de busca “Google News”, por meio de palavras-chave: “Os Manos”, “Facção do Vale dos Sinos”, “Facção com sede no Vale dos Sinos”. As palavras-chave foram definidas a partir de uma observação exploratória, objetivando entender como os jornais nomeavam as facções criminais. De forma complementar, sugestões de notícias ou links no próprio texto que remetiam a matérias associadas, noticiando um mesmo evento, foram acessadas e coletadas, quando pertinentes aos objetivos da pesquisa.

As notícias foram sistematizadas em uma planilha do Excel, visando registrar dados gerais de cada unidade de análise. Assim, foi possível registrar elementos gerais de cada notícia, como cidade e regiões a que se referiam, atividade criminais mencionadas, fontes consultadas, etc. O uso da planilha do Excel permitiu a elaboração de gráficos e tabela de frequências visando identificar associações presentes na narrativa do ZH e do Pioneiro sobre a expansão dos Manos. Aliado a isso, procurou-se detectar o enquadramento temático das notícias, compreendido enquanto uma ideia que organiza o sentido do texto e atribui significado específicos aos eventos, tecendo conexões entre eles e definindo o caráter das controvérsias políticas (Porto, 2004, apud, Palermo, 2018), elementos centrais das representações sociais nos meio de

² Ambos jornais pertencem ao Grupo RBS, sendo a mesma empresa que gerência ambos jornais. Embora guardem distinções internas, ambos jornais partilham de um mesmo ambiente digital, estando o conteúdo do Pioneiro integrado ao portal do GZH, plataforma digital do Grupo RBS. Por isso, muitas matérias jornalísticas do Pioneiro apareceram na coleta de dados, embora os propósitos iniciais deste trabalho fosse voltado para apenas o Zero Hora.

comunicação. Convém ressaltar, que não se pensa, no enquadramento temático como uma forma de manipulação do leitor, pelos jornais investigados. Mas o enquadramento é considerado como uma proposta interpretativa realizada pela imprensa (Palermo, 2018)

Por fim, pretendeu-se apresentar alguns dos resultados (não pretendendo esgotar a base de dados construída) obtidos. Nesse sentido, após a apresentação dos elementos gerais presentes nas notícias, procedeu-se a uma análise comparando os distintos discursos produzidos pela mídia gaúcha para explicar a expansão em três regiões diferentes: Serra Gaúcha, Noroeste do RS e Fronteira Oeste. A análise foi feita tomando como critérios as regiões que mais foram mencionadas nas notícias, e em seguida procedeu-se a criação de categorias temáticas visando captar as distinções entre as narrativas nas três diferentes regiões.

3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS NOTÍCIAS

Nesta seção, serão apresentadas análises das características gerais do corpus empírico do trabalho, tomando como ponto de partida a tabela do Excel onde as notícias foram registradas. Desse modo, serão demonstradas os tipos de notícias as editoriais na qual são divulgadas, quais regiões e cidades aparece a maior presença desses grupos, e quais ações atribuídas ao grupo são retratadas nas notícias. Com isso, pretende-se apresentar, de modo geral, como a interiorização dos Manos vem sendo retratada no Zero Hora e Pioneiro, para posteriormente deburçar-se na análise dos aspectos qualitativos.

Das 75 notícias analisadas, que vão de 2015 até 2020, 67,7% são notícias caracterizadas como reportagens, 28,0% são descritivas e 5,3% são editoriais ou opinativas. A maior presença de reportagem para retratar a presença de facções em municípios interioranos indica uma maior disposição dos jornais em fazer as chamadas coberturas de “segurança pública” (Ramos e Paiva, 2007, p. 17) em contraposição ao antigo jornalismo policial marcado pelo uso de recursos sensacionalistas e noções apelativas na abordagem de temas da criminalidade. Nesse sentido, se privilegiam abordagens mais contextualizadas, mobilizando fontes institucionais e pretensões explicativas.

No que se refere à editoria, 69,3% das matérias foram publicadas na seção de Segurança e Polícia³ - respectivamente, Zero Hora e Pioneiro - dos jornais analisados, sendo o restante distribuído entre as editorias Geral e do Grupo Investigativo. Esse dado é relevante, pois indica que a interiorização das facções é enquadrada prioritariamente como um problema de segurança pública, o que condiciona tanto a seleção dos eventos noticiados quanto às fontes e explicações mobilizadas, fazendo com que os jornais forneçam maiores “subsídios informativos” aos seus leitores (Silva, 2010). Aliado a isso, de acordo com Etchichury (2010, p.60), na década de 1980 ocorreram mudanças importantes no ZH, onde os repórteres policiais não mais “portariam armas” e “deixaram de ser aceitos dentro da Redação”. Ou seja, nessa época, o jornal adotou uma postura diferente na cobertura da criminalidade, mudando a equipe editorial e passando a tratar os temas policiais como temas de segurança pública, com fortes elementos políticos nas abordagens (Etchichury, 2010), o que se reflete hoje na posição do jornal diante desses temas. A respeito do Pioneiro não foi possível encontrar maiores informações, demandando uma investigação que transcende os propósitos deste trabalho.

A partir da categoria “Local do fato (regiões)” dos dados sistematizados em planilha Excel, buscou-se identificar associações regionais mobilizadas pelos jornais na narrativa sobre a expansão dos Manos. Para isso, considerou-se a presença simultânea de diferentes regiões dentro da mesma notícia, tomando cada matéria como unidade de análise. As associações foram organizadas em três categorias analíticas: Menção Única, quando apenas uma região é mencionada; Conexão Capital–Interior, quando há menção conjunta da Região Metropolitana de Porto Alegre e alguma região interiorana; e Conexão Interior–Interior, quando duas regiões fora do eixo metropolitano aparecem associadas.

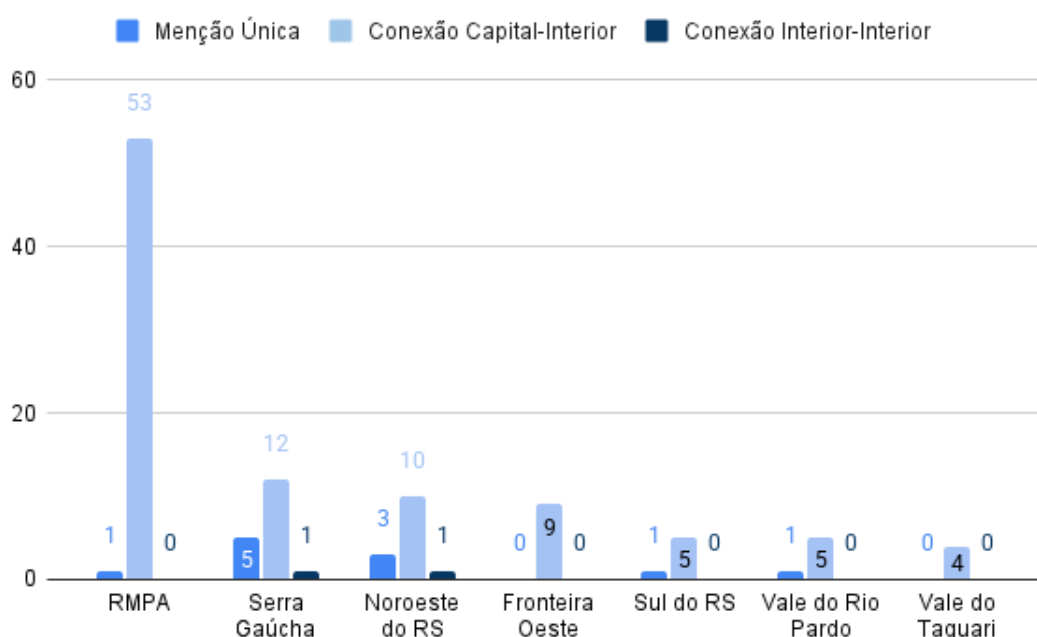
Nesse sentido, é visível a centralidade da RMPA, como a região predominante, em relação em relação a regiões mencionadas isoladamente ou a articulação entre regiões fora do eixo metropolitano. Isso se deve, em grande medida, a forma como Zero Hora e Pioneiro vem adotando para nomear as facções criminais de Porto Alegre, optando pela referência ao local de origem dos grupos ao invés de reproduzir as formas como se autodenominam. Nesse sentido, termos como “Facção do Vale dos Sinos” ou “Facção com sede no Vale dos Sinos”, para referir-se aos Manos são frequentes nos jornais. Acredita-se que a prática vem sendo adotada

³ A editoria de Polícia do Pioneiro, a despeito do nome, adota uma postura semelhante à editoria de Segurança do ZH. Por isso, optou-se por juntar ambas na contagem.

pelo jornal para reduzir o impacto simbólico da visibilidade promovida pelo veículo de comunicação ao nomear a facção pela sua autodenominação. Contudo, essa questão demanda uma investigação mais aprofundada. Em relação a essa prática, observou-se que o Pioneiro adota uma postura mais rígida do que o Zero Hora, quase nunca mencionando explicitamente o nome da facção. O Zero Hora, por sua vez, apesar de adotar essa postura, em alguns casos continua a mencionar explicitamente o nome do grupo.

É observável que no recorte temporal adotado, as regiões que mais tiveram menções concentram-se na Serra Gaúcha, Noroeste do RS e na Fronteira Oeste. Cabe assinalar que outras regiões foram mencionadas, mas foi priorizada as que tiveram mais menções nos jornais.

Gráfico 1: Menções das conexões regionais na narrativa jornalística.



Fonte: autoria própria (2026).

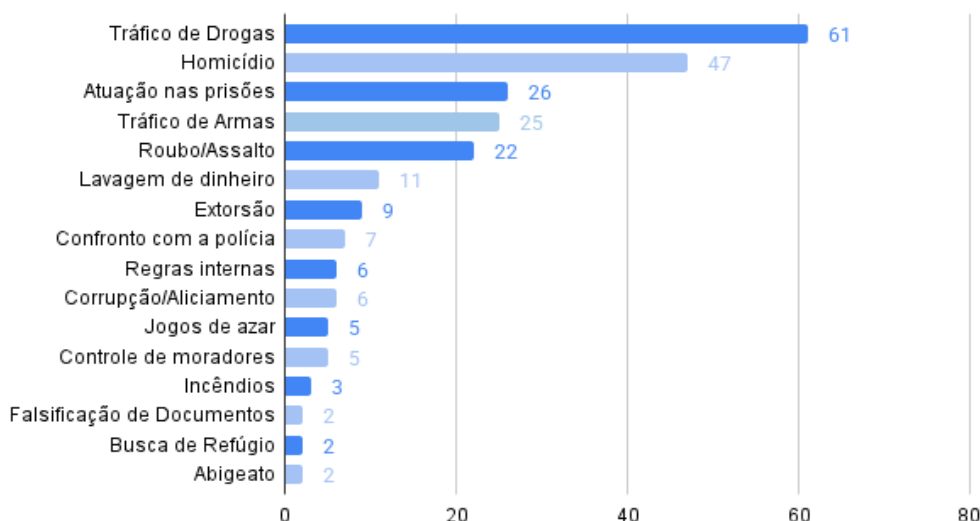
Consoante a isso, também pretendeu-se investigar quais as principais atividades criminais feitas em cidades interioranas pelos Manos, a partir da categoria da tabela do Excel “Característica da ação dos Sujeitos”. Nesta categoria foram registradas as ações atribuídas a facção no interior do RS e, posteriormente, feita uma tipologia das atividades mencionadas.

Conforme disposto no Gráfico 2, existe uma variedade de atividades criminais atribuídas pelos jornais à facção, destacando-se o “Tráfico de drogas” e “Homicídios” como

as principais. Seguido de “Atuação nas prisões”, “Tráfico de armas” e “Roubo/Assalto”. Em menor medida “Lavagem de Dinheiro” e “Extorsão”. O restante das categorias menciona casos mais esporádicos nas notícias, como “Confronto com a polícia”, “Regras Internas”, “Corrupção/Aliciamento”, “Jogos de Azar”, “Controle de Moradores”, “Incêndios”, “Falsificação de Documentos”, “Busca de Refúgio” e “Abigeato”

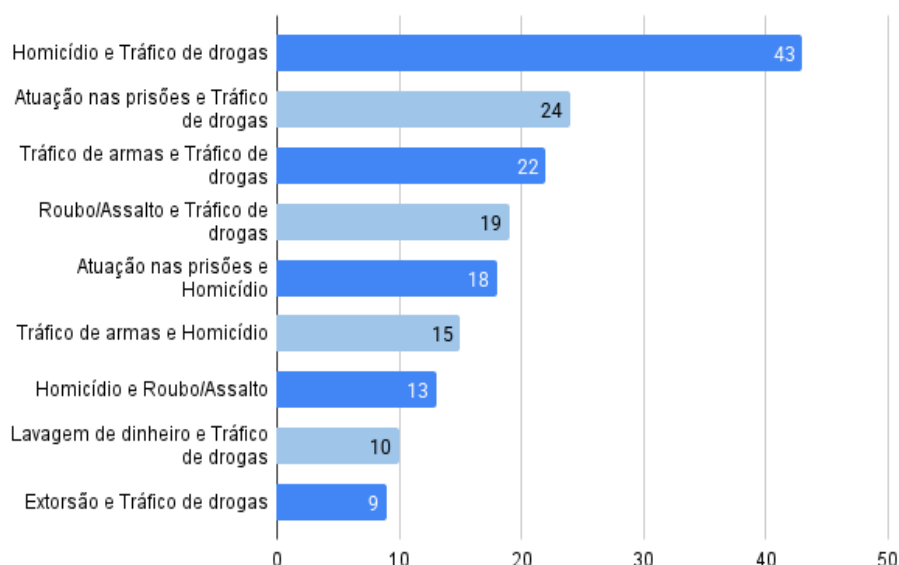
Em seguida, procedeu-se a verificar as coocorrências mais frequentes entre as atividades criminais divulgadas pelos jornais, de modo a identificar as principais associações feitas nas notícias. Para isso, foram contabilizadas todas as vezes que as atividades foram mencionadas simultaneamente na mesma notícia. Assim, observando o Gráfico 3, é visível que “Homicídios” e “Tráfico de drogas” são as duas atividades que mais aparecem em conjunto com as outras, indicando uma propensão do jornal em estruturar sua narrativa em torno dessas duas práticas feitas pelo grupo no interior. De modo que, de um lado, ambas atividades aparecem articuladas entre si, e de outro lado, articuladas com outras atividades criminais, como “Atuação nas Prisões”, “Tráfico de armas”, “Roubo/Assalto”, “Lavagem de dinheiro” e “Extorsão”.

Gráfico 2: Frequência das atividades criminais atribuídas ao Manos pelo ZH.



Fonte: Autoria própria (2026).

Gráfico 3: Coocorrência das atividades criminais dos Manos feitas pelo ZH.



Fonte: autoria própria (2026).

Desse modo, nesta seção foi feita uma análise das características gerais das notícias, visando identificar padrões mais amplos presentes na narrativa jornalística do Zero Hora e Pioneiro sobre a expansão dos Manos, condição para que se aprofunde outros elementos na próxima seção.

A partir desse mapeamento inicial, passa-se a um segundo nível de análise, voltado à identificação dos enquadramentos temáticos e das explicações mobilizadas pelo jornal, buscando compreender como essas regularidades empíricas são articuladas em propostas interpretativas sobre a expansão dos Manos.

4 DIFERENÇAS NAS NARRATIVAS

Como foi visto anteriormente, os jornais atribuem como centro da expansão dos Manos a RMPA a outras regiões com maior predominância, notadamente a Serra Gaúcha, Noroeste do RS e Fronteira Oeste. Aliado a isso, articulam seus discursos em torno do tráfico de drogas e dos homicídios como principais indícios da presença dos Manos em municípios do interior. Partindo dessa constatação, o estudo busca aprofundar qualitativamente como o Zero Hora e o Pioneiro retratam o fenômeno modulando a narrativa de acordo com a região a que se referem. Para isso, parte-se da noção de enquadramento temático, entendida como uma proposta interpretativa do veículo de comunicação, que organiza o sentido e tece conexões entre os

fenômenos (Porto, 2004; Palermo, 2018). A análise foi organizada tomando as notícias inteiras como unidade de análise e de acordo com a região a qual referiam-se.

Na Serra Gaúcha, de modo geral, o avanço das facções é recortado a partir dos contatos que grupos locais estabeleceram com grupos da Capital e Região Metropolitana dentro do sistema prisional do Estado. Na narrativa, a precariedade e falta de estrutura do ambiente carcerário, somado com as políticas de transferências de presos, figuram entre as principais causas que permitiram que as facções da Grande Porto Alegre estabelecessem ramificações na região serrana. O jornal Pioneiro, predominantemente na cobertura, adota uma postura que, de um lado, enfatiza a disseminação da influência e domínio de pontos de tráfico de drogas das facções, sempre ressaltando o espaço prisional como centro logístico e articulador da expansão e, de outro lado, assume uma postura crítica em relação ao descaso e perda de controle pelo Estado do sistema carcerário. Assim, o enquadramento jornalístico da Serra Gaúcha, opera uma fusão entre a expansão nas prisões, falência do Estado e tráfico de drogas.

É possível identificar essa relação a partir de uma série de reportagens, publicadas em 2017, sobre a Penitenciária Estadual de Caxias do Sul, popularmente conhecida como Penitenciária do Apanhador, após uma comissão de juízes determinar a interdição da cadeia para evitar o “caos”. Os magistrados denunciavam a falta de segurança e precariedade do estabelecimento: “as galerias estão sob domínio dos presos e a administração não tem controle sobre as celas ou acesso aos pátios” (PIONEIRO, 11/04/2017). Em outra reportagem sobre a mesma problemática, a fala de um delegado é reproduzida: “A tendência é o tráfico continuar justamente por falta de revistas íntimas e também pelos detentos continuarem a ter acesso a celulares. Fizemos uma investida e conseguimos reduzir (a prática).” (PIONEIRO, 17/04/2017)

O Zero Hora, era taxativo em outra reportagem do mesmo ano, em que após as Operações Fratelli I e Fratelli II, cuja investigações colocaram à tona e publicamente a situação que se encontravam o Apanhador, o jornal Zero Hora era explícito em uma reportagem: “Pela primeira vez, a Polícia Civil e o Ministério Público (MP) confirmam oficialmente que há uma facção criminosa operando em Caxias do Sul” (PIONEIRO, 18/04/2017). Conforme apontado na Operação Fratelli II, a facção era responsável pelo domínio da galeria A do Apanhador, além de atuar em 5 bairros de Caxias do Sul: Planalto, Reolon, Santa Fé, Pioneiro e Cinquentenário II. Apesar da reportagem não mencionar diretamente nomes, em uma imagem presente na reportagem interceptada pela polícia civil em investigação, é possível ver no canto inferior o

símbolo “14.18.12”, já conhecido por fazer alusão a facção Os Manos. O surgimento da facção em Caxias do Sul, segundo expresso na reportagem, remete a

“interdição do Presídio Regional de Caxias do Sul, a antiga Penitenciária Industrial (Pics), em 2009. Na ocasião, alguns detentos considerados de alta periculosidade foram transferidos para cadeias da Região Metropolitana. A medida funcionou como um intercâmbio para estes detentos, entre eles Michel De Souza Da Silva, o Michelzinho, 30, que tiveram contato com facções criminosas de Porto Alegre e copiaram seu modo de operação” (PIONEIRO, 18/04/2017)

A narrativa da Serra Gaúcha opera a partir da falência estatal como propulsora da interiorização das facções. A postura do jornal é de dar visibilidade a um problema público, denunciado a falta de estrutura dentro do sistema carcerário, acionando diferentes vozes sociais, especialmente institucionais, e definindo o caráter da controvérsia política. Assim, o ZH organiza a percepção social, ao mesmo passo que confere-lhe um cariz (Palermo, 2018)

No Noroeste do RS, o enquadramento jornalístico desloca o foco da dimensão institucional para a ruptura do cotidiano, construindo a expansão das facções como uma invasão externa que interrompe a ordem de cidades pequenas e historicamente percebidas como pacatas. Nesse sentido, o jornal produz algo que assemelha-se àquilo que Machado da Silva (2010) denominou como a representação coletiva da “violência urbana”. A representação da “violência urbana”, de acordo com o autor, refere-se a uma construção simbólica, que em

“seus conteúdos de sentido mais essenciais, [...] seleciona e indica um complexo de práticas que são consideradas ameaças a duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costuma acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial” (Machado da Silva, 2004).

Especialmente, essa representação, foca a quebra das expectativas das rotinas estatalmente organizadas (Machado da Silva, 2004, 2011). O jornal aciona essa representação ao construir narrativas centradas na quebra abrupta da previsibilidade cotidiana — sirenes, helicópteros, operações policiais, medo gerado pela facção — elementos que operam como marcadores simbólicos da perda da segurança existencial, nos termos de Machado da Silva. O acionamento dessa representação pelo jornal fica explícito em uma reportagem publicada em 2018. Nas primeiras linhas da matéria é afirmado que moradores foram acordados aos sons de

sirenes por conta de uma operação policial para contender o domínio de uma facção do Vale dos Sinos na região, sentida a presença após o aumento dos homicídios.

“Acostumados com uma rotina mais pacata, moradores do Noroeste ignoraram o amanhecer gelado e apareceram mais cedo nas portas e janelas nesta terça-feira (24). O som de um helicóptero que sobrevoava as cidades se misturava com o das sirenes das viaturas. Era o ápice de uma investigação da Polícia Civil, com início há um ano, após investigadores perceberem que uma facção, com sede no Vale dos Sinos, vinha estabelecendo domínio na região, por meio do tráfico de drogas.” (ZERO HORA, 24/07/2018)

O título de outra matéria, publicada em 2019, no ano seguinte, sobre a presença dos Manos em Santa Barbará do Sul adota postura semelhante: “Como facção impõe medo e muda rotina em município de 8 mil habitantes no noroeste do RS” (13/09/2019). Na notícia é retratado como a presença da “facção do Vale dos Sinos” foi sentida no município em que “à noite é possível ‘ouvir até a grama crescer’, como brincam os moradores” (13/09/2019). A matéria prossegue, afirmando que as ruas da cidade foram tomadas por 360 agentes de segurança em uma operação policial que visava atingir 6 cidades do Noroeste gaúcho. A facção do Vale dos Sinos vinha colocando medo nos moradores e consolidando o tráfico de drogas na região.

Na região Noroeste do RS, o Zero Hora, na condição de produtor de representações sociais e organizador da percepção coletiva, mobiliza a noção da “violência urbana”, visando ajustar seu discurso com seu público-leitor. Ao enfatizar o contraste entre a suposta tranquilidade interiorana e a presença das facções metropolitanas, o Zero Hora constrói a interiorização como uma externalidade violenta, deslocando a explicação do fenômeno para fora do território local e reforçando a ideia de contaminação vinda da Região Metropolitana, vinculado a aumento do medo e do tráfico de drogas.

Na Fronteira Oeste, o Zero Hora fez uma série de reportagens investigativas focando a atuação das facções de Porto Alegre na fronteira com Uruguai e Argentina. O enquadramento das notícias retrata os intercâmbios entre drogas e armas com traficantes uruguaios e argentinos, bem como as consequências da presença da facção nas cidades fronteiriças. Desse modo, promove uma ênfase nos circuitos econômicos ilegais entre traficantes dos países vizinhos com as facções gaúcha, deslocando-se da ruptura do cotidiano para a construção de uma

criminalidade organizada transfronteiriça, na qual facções, sistema prisional e circulação internacional de armas e drogas aparecem articulados em uma mesma rede.

O título de uma matéria publicada é pronunciado: “O poder das facções: detento do Presídio Central chefia quadrilha binacional” (27/07/2018). No decorrer do texto, é detalhado como vem ocorrendo o tráfico de drogas e armas internacionalmente, a partir de investigações feitas pela polícia civil e polícia federal. De acordo com a reportagem, as facções da Região Metropolitana, principalmente dos Manos, era quem fornecia a droga ao líder uruguaio:

“As ordens para enviar armas e munições partiam das penitenciárias estaduais de Santana do Livramento e Modulada de Uruguaiana, enquanto o envio de entorpecentes em direção à Fronteira Oeste era gerenciado de dentro do Presídio Central e das penitenciárias do Jacuí e de Alta Segurança, ambas em Charqueadas” (ZERO HORA, 27/07/2018)

Desse modo, o jornal constrói a Fronteira Oeste como território integrado a uma rede transnacional de ilegalismos, na qual facções da RMPA - especialmente Os Manos -, sistema prisional e circulação internacional de mercadorias ilícitas produzem uma representação de criminalidade organizada que extrapola o plano local e evidencia a incapacidade estatal de controlar tanto suas prisões quanto suas fronteiras. Assim, o jornal reproduz uma ideia recorrente de que as fronteiras são indisciplinas e sem um agente estruturador capaz de regular os fluxos entre pessoas, identidades, mercadorias e ideias (Queiroz, 2022).

Por meio dessas reportagens, tentou-se apresentar, de modo sintético, os principais enquadramentos temáticos feitos pelo jornal em relação a cada região. Com isso, pretendeu-se evidenciar como os jornais não produzem uma narrativa homogênea sobre a expansão dos Manos, mas apresentam variações de acordo a região a que referem-se.

5 DISCUSSÃO

Diante do exposto, pode-se dizer que os jornais adotam a face econômica, em relação a outras dimensões existentes nas facções criminais gaúchas, como núcleo de sentido principal para retratar a interiorização. Por mais que o tráfico de drogas seja a atividade comercial predominante dos Manos e prática constituinte do grupo, é conveniente mencionar as colocações de Cipriani (2021), que opta por chamar as facções de Porto Alegre pelo termo “coletivos criminais”, de modo a enfatizar as tensões existentes entre uma esfera econômica e

outra normativa que perpassa a atuação desses coletivos. De modo que a dimensão normativa torna-se componente essencial como a compreensão das facções gaúchas, desdobrando-se

“em muitos outros elementos, como os traços de uma identidade de grupo, as expectativas concretas em torno da parceria entre *cupinxas*, a construção de redes de proteção entre aliados, a disposição para antagonizar com grupos rivais, dentre outros” (Cipriani, 2021, p. 46)

De outro ângulo, a coocorrência entre tráfico de drogas e homicídios, como apontado no Gráfico 3 anteriormente, é pronunciada, apontado para algo semelhante ao que foi encontrado por Pimenta et.al (2020) em pesquisa realizada com agentes de segurança pública e da justiça criminal de Porto Alegre sobre as dinâmicas de homicídios na Capital. Na pesquisa mencionada, as autoras argumentam na existência de uma “gramática do tráfico de drogas” por esses atores estatais, utilizada para codificar distintas ordens de conflitos em um referente homogêneo e inteligível. Tomando como inspiração essa proposição, percebe-se que Zero Hora e o Pioneiro adotam essa mesma gramática, na medida em que associam os homicídios ao tráfico de drogas como causa, direta ou indiretamente. Entretanto, conforme Saporì (2020), não é novidade que o tráfico de drogas na sociedade brasileira está associado a violência letal, mas nem por isso é o único forte capaz de promover o aumento de mortes.

Michel Misse (2022) demonstra que, paralelamente à consolidação do mercado de drogas ilícitas no Rio de Janeiro, emergiu um tipo específico de economia criminal baseada na comercialização de “mercadorias políticas”, caracterizada pela atuação direta de agentes estatais — especialmente policiais — na negociação de influência, chantagens e propinas, envolvendo tanto a apropriação privada dos meios de incriminação quanto a expropriação de recursos políticos monopolizados pelo Estado para fins econômicos. Nesse contexto, a violência associada ao tráfico tende a ser amplificada pela participação de operadores públicos nesses circuitos. Evidências semelhantes aparecem em Porto Alegre, onde Cipriani (2021) registra relatos, através dos seus interlocutores, de espancamentos, incriminações forjadas, propinas e apropriação de bens por agentes policiais, indicando a presença dessas dinâmicas que podem vir a acontecer em locais interioranos.

Regionalmente, observou-se a construção de distintos enquadramentos: na Serra Gaúcha, a prisão aparece como infraestrutura logística da expansão; no Noroeste, predomina a narrativa da ruptura do cotidiano e da violência urbana; e na Fronteira Oeste, consolida-se a

imagem de uma criminalidade organizada transnacional. Apesar dessas variações, mantém-se constante a centralidade da gramática do tráfico de drogas e a representação centrada na face econômica.

Além disso, o jornal atua como agente político na arena da segurança pública, produzindo representações sociais a partir da articulação de diferentes vozes. Conforme Porto (2009), mídia e segurança pública mantêm relações de afinidade, embora marcadas por tensões. Nesse sentido, o Zero Hora e o Pioneiro, ao ancorarem grande parte de suas matérias em operações policiais, investigações e flagrantes, tende a reproduzir narrativas institucionais, fazendo com que o enquadramento jornalístico seja construído a partir de uma hierarquização de vozes sociais, com centralidade conferida a atores institucionais — especialmente Polícia Civil, Ministério Público e Judiciário — que passam a ocupar a posição de intérpretes legítimos da realidade criminal. As falas desses agentes não apenas informam os acontecimentos, mas organizam os sentidos atribuídos à expansão das facções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, que o Zero Hora e o Pioneiro não apenas informa sobre a presença das facções, mas participa ativamente da produção social de sentidos sobre o fenômeno, contribuindo para consolidar uma leitura que privilegia o mercado de drogas como eixo explicativo central. Ao fazê-lo, centram sua atenção no aspectos econômicos dos Manos, deixando de lado aspectos normativos que compõem o avanço das facções de Porto Alegre. Nesse sentido, mobilizam uma “gramática do tráfico de drogas” para atribuir sentido à expansão, seja no meio urbano ou no sistema prisional.

Com isso, reforçam uma visão que desloca para o crime organizado a responsabilidade quase exclusiva pela violência, ao mesmo tempo em que atenua as mediações institucionais e estruturais que atravessam esse processo.

.REFERÊNCIAS

PORTO, Maria Stella Grossi. Entre práticas e representações sociais na sociologia da conflitualidade e violência. In: BARREIRA, César; PAIVA, Luiz Fábio S.; RUSSO, Maurício Bastos. Violência, territorialidades e negociações. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016. p.87-111).

PORTO, Maria Stella Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*, n. 8, p. 152–171, jul. 2002.

CIPRIANI, Marcelli. Os coletivos criminais de Porto Alegre: entre a "paz" na prisão e a guerra na rua. São Paulo: Hucitec Editora: ANPOCS, 2021.

PORTO, Maria Stella Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. *Tempo Social*, v. 21, n. 2, p. 211–233, 2009.

SILVA, Edilson Márcio Almeida da. Notícias da “violência urbana”: um estudo antropológico. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

PALERMO, Luis Claudio. Da “guerra” no Complexo do Alemão (2007) ao programa de “pacificação” (2008/2009): uma análise dos discursos sobre ações policiais em algumas favelas cariocas. 2016. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. Mídia e Violência – Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

ETCHICHURY, Carlos. A Violência na Mídia: um estudo de caso sobre a cobertura da criminalidade pela imprensa no RS. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, v. 19, n. 1, p. 53–84, jan. 2004.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Polícia e violência urbana em uma cidade brasileira. *Etnográfica*, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 67-82, fev. 2011.

QUEIROZ, Antonio Lourence Kila de. Mais ao Sul: os coletivos criminais e os territórios-rede do tráfico de drogas ilícitas na fronteira do Brasil-Uruguai. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

PIMENTA, Melissa de Mattos et al. Dinâmicas dos homicídios em Porto Alegre: discursos e interpretações sobre a violência letal. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 18-45, ago./set. 2020.

MISSE, Michel. Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

SAPORI, Luís Flávio. Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: Um Estudo Comparativo das Cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL). Dados, v. 63, n. 4, p. e20180191, 2020.

MENDES, Letícia. Como facção impõe medo e muda rotina em município de 8 mil habitantes no noroeste do RS. Zero Hora. Porto Alegre, 13/09/2019.

LOPES, Leonardo. Juízes relatam domínio de presos no Apanhador e sugerem interdição de casas prisionais de Caxias do Sul. Pioneiro. Caxias do Sul, 11/04/2017.

LOPES, Leonardo. Polícia Civil indícia 28 pessoas por tráfico dentro da penitenciária do Apanhador, em Caxias do Sul. Pioneiro. Caxias do Sul, 17/04/2017.

LOPES, Leonardo. Operação Fratelli indícia facção criminosa que domina o tráfico em cinco bairros de Caxias do Sul. Pioneiro. Caxias do Sul, 18/04/2017.

MENDES, Letícia. Como agia no noroeste do RS facção alvo de ação da Polícia Civil em 23 cidades. Zero Hora. Porto Alegre, 24/07/2018.

IRION, Adriana; TREZZI, Humberto. O poder das facções: detento do Presídio Central chefia quadrilha binacional. Zero Hora. Porto Alegre, 27/07/2018.